

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE, O LUTO E REPRESENTAÇÕES LATINO-AMERICANAS: UMA ÓTICA EXISTENCIALISTA SOBRE O FIM DO PROJETO DE SER

Matheus Richter Nogueira¹

Tharsy Vitória dos Santos²

Wesley Oliveira dos Santos³

Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi⁴

RESUMO: A morte, como um fenômeno antropológico universal, é um tema composto por várias relações dentro do amplo escopo do existencialismo. No entanto, a inexorabilidade ou confronto inescapável com a finitude da existência humana é um tema característico e talvez nuclear da filosofia existencial como uma fonte de angústia. Nesse sentido, a morte se torna um marcador significativo para as responsabilidades onde o próprio conceito de liberdade se entrelaça nessa relação. Nesse sentido, este artigo analisa aspectos relacionados à morte, ao luto e às associações culturais, folclóricas e religiosas latino-americanas em relação às suas representações e possíveis relações com o existencialismo como meio de expandir perspectivas que abrangem sentidos e significados correlacionados por experiências e herança cultural que permeiam alternativas quando olhamos para o fim do projeto de ser. Assim como os filósofos existencialistas, as culturas latino-americanas frequentemente buscam enfrentar a morte com coragem e encontrar um propósito profundo na vida, mesmo diante da inevitabilidade do fim. Portanto, as considerações levantadas visam encontrar pontos a serem refletidos sobre a realidade latino-americana e as possibilidades em que o existencialismo pode fornecer estímulos e questionamentos sobre as estruturas socialmente construídas pelas quais a subjetividade se manifesta diante das angústias relacionadas ao fim do projeto de ser. Essas perspectivas regionais enriquecem ainda mais a discussão sobre a relação entre a morte e o existencialismo, demonstrando a necessidade de considerações que diferentes culturas e perspectivas podem oferecer dimensões valiosas e ricas para lidar com a questão da mortalidade e o significado da existência.

Palavras-Chave: Morte; Fenomenologia; Finitude; Existencialismo; América-Latina.

REFLECTIONS ON MOURNING, DEATH, AND THEIR LATIN AMERICAN REPRESENTATIONS: AN EXISTENTIALIST PERSPECTIVE ON THE END OF THE PROJECT OF BEING

ABSTRACT: Death, as a universal anthropological phenomenon, is a theme composed of various relationships within the broad scope of existentialism. However, the inexorability or inescapable confrontation with the finitude of human existence is a characteristic and perhaps central theme of existential philosophy as a source of anguish. In this sense, death becomes a significant marker for responsibilities where the very concept of freedom is intertwined in this relationship. This article examines aspects related to death, mourning, and Latin American cultural, folkloric, and religious associations in relation to their representations and possible connections with existentialism as a means of expanding perspectives that encompass senses and meanings correlated by experiences and cultural heritage that permeate alternatives when looking at the end of the project of being. Like existentialist philosophers, Latin American cultures often seek to confront death with courage and find a deep purpose in life, even in the face of the inevitability of the end. Therefore, the considerations raised aim to find points to be reflected upon in Latin American reality and the possibilities in which existentialism can provide stimuli and questions about socially constructed structures through which subjectivity manifests in the face of anxieties related to the end of the project

¹ Acadêmico do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR – sede.

² Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR – sede.

³ Acadêmico do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR – sede.

⁴ Professora orientadora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR – sede.

of being. These regional perspectives further enrich the discussion on the relationship between death and existentialism, demonstrating the need for considerations that different cultures and perspectives can offer valuable and rich dimensions to deal with the question of mortality and the meaning of existence.

Keywords: Death; Phenomenology; Finitude; Existentialism; Latin America.

REFLEXIONES SOBRE EL DUELO, LA MUERTE Y SUS REPRESENTACIONES LATINOAMERICANAS: UNA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA SOBRE EL FIN DEL PROYECTO DEL SER

RESUMEN: La muerte, como fenómeno antropológico universal, es un tema compuesto por varias relaciones dentro del amplio alcance del existencialismo. Sin embargo, la inexorabilidad o el enfrentamiento ineludible con la finitud de la existencia humana es un tema característico y quizás central de la filosofía existencial como fuente de angustia. En este sentido, la muerte se convierte en un marcador significativo para las responsabilidades donde el propio concepto de libertad se entrelaza en esta relación. Este artículo examina aspectos relacionados con la muerte, el duelo y las asociaciones culturales, folklóricas y religiosas latinoamericanas en relación con sus representaciones y posibles conexiones con el existencialismo como medio para ampliar perspectivas que abarquen sentidos y significados correlacionados por experiencias y herencia cultural que impregnan alternativas cuando miramos hacia el fin del proyecto de ser. Al igual que los filósofos existencialistas, las culturas latinoamericanas a menudo buscan enfrentar la muerte con valentía y encontrar un propósito profundo en la vida, incluso ante la inevitabilidad del fin. Por lo tanto, las consideraciones planteadas buscan encontrar puntos sobre los cuales reflexionar en la realidad latinoamericana y las posibilidades en las que el existencialismo puede proporcionar estímulos y preguntas sobre las estructuras socialmente construidas a través de las cuales la subjetividad se manifiesta frente a las angustias relacionadas con el fin del proyecto de ser. Estas perspectivas regionales enriquecen aún más la discusión sobre la relación entre la muerte y el existencialismo, demostrando la necesidad de consideraciones que diferentes culturas y perspectivas pueden ofrecer dimensiones valiosas y ricas para abordar la cuestión de la mortalidad y el significado de la existencia.

Palabras clave: Muerte; Fenomenología; Finitud; Existencialismo; América Latina

INTRODUÇÃO

A filosofia existencial, é uma corrente filosófica que se preocupa com o ser humano em sua totalidade, buscando então compreender o indivíduo em todas as suas dimensões, incluindo questões relacionadas à existência, à liberdade, à responsabilidade e à morte. Neste sentido, os estudos da Psicologia Existencialista expõem a ideia de que o ser humano é um ser único e singular que vive num mundo complexo e muitas vezes paradoxal. Deste modo, a vida humana vai sendo marcada por uma série de experiências vivenciadas pelo indivíduo que em conjunto vão constituindo sua existência. Tais experiências são vivenciadas de forma subjetiva por cada indivíduo, sendo assim, cada pessoa tem suas próprias interpretações em relação ao mundo e aos fenômenos que o rodeiam.

De acordo com a perspectiva de Sartre, a liberdade é uma característica que é inerente ao ser humano, sendo que a sua existência está intimamente ligada a essa condição. Portanto, ligado a esta noção de que o homem é livre, e para tanto “condenado” a lidar com esta condição e é justamente essa liberdade que o define como ser humano, visto que é a partir dela que ele toma suas decisões e escolhas no seu cotidiano e assim, a liberdade não, é algo que o indivíduo conquista, mas sim uma condição que o acompanha desde o seu nascimento.

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...]. Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 1998, p. 542/543).

Desta maneira, a morte pode ser considerada um tema central para o existencialismo, compreendendo que essa é uma dimensão, um processo, e também um evento da vida que jamais pode ser ignorada ou evitada, pois é por meio da relação com a morte que o indivíduo pode encontrar o verdadeiro sentido da sua existência, sendo ela o limite que dá sentido à vida e é por meio dela que o indivíduo pode encontrar coragem para viver de forma mais autêntica e plena em cada momento de sua existência. Como bem conduz Marton (2018), qualquer pessoa que pretenda pensar sobre o sentido da vida precisa encarar a questão da finitude humana, mesmo porque, ao contrário do que aparenta, pensar em relação à morte não conduz simplesmente e necessariamente ao desespero, mas sim à verdade mais essencial de nossa experiência no mundo: que somos finitos sobretudo, que diante da possibilidade do fim, só nos resta viver com intensidade a vida que nos cabe, aqui e agora.

Nesse sentido a abordagem existencialista não se limita apenas a uma perspectiva teórica, mas busca compreender a morte como sendo uma dimensão existencial pedagógica, capaz de produzir aprendizados, significados e sentidos para a existência do ser, deste modo a morte pode ser vista como parte integrante da vida, que pode levar o indivíduo a encontrar um sentido mais profundo para sua

existência a partir do momento que toma consciência do real significado da morte. Em suma, a questão da morte é algo essencial pois é vista como sendo uma dimensão fundamental do ser, um fenômeno inexorável que o acompanha ao ser lançado no mundo. O enfrentamento da finitude humana é, portanto, uma das principais preocupações do ramo da fenomenologia existencial que busca compreender como a relação com a morte pode influenciar a maneira em que vivemos e encontramos sentido em nossas vidas.

A morte, como aspecto imutável da existência, atinge a todos os seres vivos, mas é para e no ser humano que se manifesta como conceito em relação ao seu projeto de ser. Neste sentido, posto que cada pessoa experimenta a morte como uma singularidade, um findar da possibilidade existencial e ao mesmo tempo o encerramento da articulação do projeto do ser.

É no ser-para-o-fim que a “morte” é confrontada como um fenômeno antropológico (MARTINEZ, 2018) que evoca perspectivas de elaborações, seja pelo ser-para-o-fim em si mesmo ou em relação ao fim do projeto de ser de outrem, dos demais projetos existenciais circundantes que lhe tocam e atravessam em suas próprias perspectivas existenciais. A possibilidade de ser e estar no mundo, ao sermos lançados em sua materialidade, constitui ao ser um projeto de ser em vida, mas também a sua constante tentativa de conscientizar sua finitude e por consequência o ser diante da face do encerramento de suas potências vitais.

Conceituar a morte é de tamanha complexidade que poderíamos argumentar, talvez, que mova, direta ou indiretamente, cada uma de nossas escolhas e elaborações e para tanto, para além de definições objetivas, somente aproximações teóricas lhe conceituariam e para tanto, nada falaremos da experiência. Para tanto, a característica que a morte nos eleva às considerações partem da noção de Sartre (2015) quando este elabora que de maneira elementar a singularização do ser é justamente o efeito que a morte como fenômeno, provoca na existência. A morte, como um tópico de discussão existencial é um fenômeno antropológico, é afastada das lentes ocidentais como uma característica da finitude, do fim do projeto de ser por perspectivas influenciadas pela cultura cristã e europeia como sendo essencialmente desumana, suja, distante e indesejada. Como mecanismos de defesa psicológica, a negação da morte produz, ironicamente, um despreparo e desespero frente à angústia e o temor do inesperado, da aceitação da ausência de controle, de sua intransigível inevitabilidade.

Neste sentido, nossa pesquisa empenha-se em buscar possibilidades e ângulos que explorem alternativas e olhares para o fim do projeto de ser e a conceituação da morte como algo pessoal mas também como um princípio coletivamente e socialmente demarcado, que não se limitam à perspectiva de uma elaboração complexa e inacabada de significar e ressignificar aquilo que será para todos o fim do projeto-de-ser que ao passo que caminha para seu potencial de vida, também caminha paralela e concorrentemente em direção ao seu próprio fim. Assim, não nos deixando esquecer que “a morte é um fenômeno humano, fenômeno último da vida, mas ainda assim vida” (SARTRE, 2015, p. 652).

O que há, todavia, a ser explorado como perspectiva cultural e antropológica na América Latina sobre a morte (como um princípio antropológico) e suas representações como “A Morte” (personagem antropomorfizado)? Como isso pode nos ampliar as perspectivas existencialistas e fenomenológicas acerca deste confronto entre o ser e sua finitude? Neste ensaio, lançamos as bases para a discussão, identificando a morte como um fenômeno antropológico universal e introduzindo o existencialismo como uma filosofia que coloca a morte no centro das suas preocupações. Através deste estudo, esperamos contribuir para o corpo de conhecimento existente sobre este tema crucial, enriquecendo as perspectivas acadêmicas sobre a relação entre a morte, o existencialismo e as culturas latino-americanas. Neste sentido continuaremos nossa discussão, aprofundando a compreensão do processo de luto, explorar como a filosofia existencial e a psicoterapia fenomenológica podem ser aplicadas para auxiliar na ressignificação dessa experiência única e desafiadora, abordando aspectos como a singularidade do luto, a importância das relações humanas durante esse processo, a angústia existencial que pode surgir e a busca de sentido na morte e no luto. Esta próxima etapa nos ajudará a compreender melhor como as abordagens fenomenológicas podem oferecer suporte e orientação aos enlutados enquanto enfrentam essa jornada emocional.

EXPLORANDO E RESSIGNIFICANDO O LUTO

Segundo Freitas (2013), o luto é a vivência após uma perda significativa, especialmente quando envolve um ente querido, o significado da perda e da relação desempenham um papel crucial, quando a ausência do outro se torna real no mundo do “eu”, o luto emerge como uma experiência desafiadora, envolvendo complexidades relacionais, história compartilhada e o mundo do enlutado. Nesse processo de luto, o indivíduo muitas vezes enfrenta uma montanha-russa de emoções, desde a dor profunda até a busca por respostas e sentido. À medida que se enfrentam essas complexidades emocionais e transita pelo labirinto da perda, a reconstrução do significado e da identidade se torna uma parte vital do processo de cura. É um caminho desafiador, mas também é uma oportunidade para o crescimento pessoal e a reconfiguração das conexões humanas.

A fenomenologia direciona seu foco para a experiência subjetiva, enquanto a abordagem existencial se concentra na existência individual e na busca de significado na vida. Com relação às implicações emocionais e psicológicas do luto sob essa perspectiva, é importante ressaltar que cada indivíduo lida com o luto de forma verdadeiramente única. Isso se deve ao fato de que ao longo de suas vidas, desde o nascimento, eles acumularam experiências e relacionamentos singulares, resultando em significados atribuídos igualmente distintos ao processo de luto. Segundo Sartre, o homem é lançado ao mundo, primeiro existe e depois precisa do outro para viver experiências que ao longo do tempo vão se tornando parte do seu ser, definido a cada dia quem ele é. Visto antes, cada

homem vive experiências diferentes ao longo da vida, é importante compreender o luto como uma experiência subjetiva, não passível de generalização.

Sartre (1997) descreve que o homem não é apenas um ser solitário, mas sim essencialmente um ser para os outros e, portanto, a primeira obrigação é de se posicionar em relação correta com os outros homens, mas além disso, ainda evidencia a autor que toda relação humana autêntica se define por ser uma relação de reconhecimento recíproco. Dessa forma pode-se afirmar que durante o processo de luto, as relações humanas desempenham um papel fundamental, pois quando alguém está enlutado, a presença e o apoio dos outros podem ajudar a pessoa a enfrentar a dor da perda. O reconhecimento mútuo da dor e do sofrimento é essencial para que o enlutado se sinta compreendido e apoiado em um momento tão difícil. As relações interpessoais também desempenham um papel na compreensão da própria perda, ao compartilhar histórias e memórias do ente querido falecido, as pessoas em luto podem reconstruir o significado da vida desse indivíduo e encontrar consolo na ideia de que a memória dele ou dela vive através do reconhecimento mútuo.

Pode-se assim dizer que o processo de luto muitas vezes leva a uma profunda transformação pessoal, à medida que as pessoas enfrentam a morte e o luto, podem refletir sobre o significado da vida, a própria mortalidade e o propósito de suas relações. Essa reflexão pode levar a um crescimento emocional e espiritual, à medida que buscam um novo sentido em suas vidas. Da mesma forma que o reconhecimento mútuo pode ser benéfico, a ausência ou a disfunção nas relações familiares ou sociais também pode complicar o processo de luto.

Em famílias ou relacionamentos onde não há um reconhecimento adequado da dor ou onde as emoções são reprimidas, o enlutado pode enfrentar dificuldades adicionais para lidar com a perda. Portanto, a citação de Sartre ressalta a importância das relações humanas e do reconhecimento mútuo não apenas na vida cotidiana, mas também em situações de perda e luto. O apoio e a compreensão dos outros desempenham um papel vital na jornada de enfrentamento da morte e do luto.

Como uma experiência totalmente individual, a pessoa que está passando por este processo pode sofrer com a angústia existencial. Pois o luto, por muitas vezes, pode acarretar questões existenciais, por exemplo a finitude da vida, o sentido da morte e a nossa própria mortalidade, buscando talvez uma resposta para tudo isso. Contudo, levando o ser a uma angústia profunda, vivendo em confronto com questões sobre o propósito e significado de sua própria existência.

Sartre (1973) bem considera que o homem está condenado a ser livre e é exatamente a consciência de liberdade que vai gerar a angústia, pois para sempre o ser vai estar fadado a uma liberdade de escolha, em suas palavras “é o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (*ibid*, p. 15). Assim sendo, o homem se encontra com a realidade, é responsável por suas escolhas, então quando surge uma nova possibilidade de

modificação em sua vida, o ser entra em angústia por ter que fazer essa escolha para si. Sartre ainda diz:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se preferir, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão (SARTRE, 1998, p. 72).

Diante do exposto sobre a angústia, a fenomenologia considera também o papel do tempo no luto. Quando uma pessoa perde um ente querido, ela pode distorcer a percepção do tempo, a realidade. Dessa maneira, cria uma sensação de que o passado e o futuro estão desordenados, afetando a continuidade da própria vida. A morte de alguém próximo pode abalar sua identidade, pois dentro de relações ao longo da vida, parte de quem somos existe e é definida pelas relações com o outro. A ausência da pessoa amada por vez, pode exigir uma reconstrução na identidade, visto que após a partida, surge um vazio interno, na própria identidade. Ainda sobre esse processo necessário de reconstrução do seu eu, podemos dizer que a busca do sentido da morte, desta perda, seja crucial nesta nova fase de adaptação. Pois, quem foi deixado, pode por muitas vezes se perguntar o porquê, sentindo a dor da separação. Ainda sobre a dor da separação, Freitas (2013) diz que o luto é um evento em que se inicia com a extinção dos corpos que antes eram interligados de alguma maneira, seja ela familiar, amorosa ou amizade. Mais especificamente, em suas palavras:

... a primeira condição para a experiência do luto é a ruptura mesma vivida do ser-com, do partilhar uma espacialidade e temporalidade específicas. A morte nos impele a vivenciar esta perda de modo irreversível, produzindo abertura para a angústia e para a impotência diante do desaparecimento do outro e da interrupção de nossa história em comum. Não é apenas o outro que desaparece com sua história. É uma vida comum que se interrompe, morremos “nós”, em largo sentido – eu e o outro. Com ele desaparecemos nós, nossa história conjunta, um modo específico de se expressar naquela relação, uma possibilidade de abertura de percepção de mundo, possibilidades de vivenciar um papel social, uma emoção, uma tarefa cotidiana. Ele morre em sua corporeidade, eu em minhas possibilidades de ser com ele, o “nós” enquanto temporalidade compartilhada. (FREITAS, 2013, p. 17-18).

A morte, sob uma perspectiva fenomenológica existencial, se mostra como um evento que transcende a mera eliminação da vida enquanto física. Ela exhibe uma complexa interação entre a existência humana e o corpo, uma relação que se transforma no exato momento da passagem para o fim. Desta maneira “o luto pode ser compreendido, portanto, como a ausência do tu na relação eu-tu (FREITAS, 2013; FREITAS et al., 2015). Neste mesmo contexto, a morte não é apenas a eliminação de funções biológicas, mas uma separação profunda e complexa. Quando um ente querido falece, o ser que ficou em vida física pode entrar em confronto com a vivência dessa separação do corpo que antes habitava o mundo com ele.

Segundo Kubler-ross (2012), o luto é entendido como sendo o processo acarretado pela morte de alguém efetivamente importante. Portanto, a separação, a dor da saudade é tanto física

quanto existencial, pois o corpo era a manifestação tangível da existência daquele ser que se foi. A morte, ter a consciência dela pode colocar o sujeito que está passando por esse processo diante da finitude, o tornando consciente da temporalidade de sua própria existência. O rompimento com o outro corpo físico pode forçar a um confronto de sua própria mortalidade e ainda refletir sobre o significado da vida. Na ausência física deste ente que morreu, talvez leve o sujeito a experimentar um vazio que o lembre de sua própria condição finita, pois não é só uma perda presencial, mas também a perda de infinitas possibilidades com aquele outro. Visto isso, “perder um mundo, perder uma profundidade, perder uma perspectiva” (FREITAS et al., 2015, p. 21).

É de se verificar que Kovács assinala que (1992, p. 150) “a morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta”. Visto, apesar da falta física, a presença do ser amado pode persistir em suas memórias, em sua relação com o mundo e em sua própria existência. Essa presença, ainda que não mais corpórea, ainda sim é uma parte significativa de sua experiência, visto que independente de qual o grau de contato entre o ser e o outro tiveram, viveram alguma coisa juntos. Assim, a separação dos corpos na morte pode ser vista como uma ressignificação da relação, em vez do seu completo fim.

Nos impende observar a perspectiva de Ariès (2003) quando este nos traz a concepção de que o temor não é o da própria morte, mas o da perda do outro. Então, para ressignificar esta relação e também a ideia de morte, é muito importante que o enlutado receba ajuda e apoio psicológico, a presença de um profissional desempenha um papel significativo na compreensão e no enfrentamento deste processo de luto. Um profissional de saúde mental, ao adotar uma abordagem fenomenológica, reconhece a singularidade desse processo e se esforça para compreender a perspectiva única de cada indivíduo.

Com muita propriedade Machado (2016) verifica que o luto deve ser atravessado de forma calma, tranquila e comedida. Visto que, desta maneira o luto deixa de ser visto como um processo que deveria ser evitado, e sim tratado da maneira correta, evitando o prolongamento desse sofrimento psíquico. O acolhimento psicológico na perspectiva fenomenológica envolve criar um espaço seguro, para que o enlutado possa expressar suas emoções e pensamentos de maneira autêntica. Nas palavras de Machado sobre os cuidados com o enlutado, ressalta:

... o sofrimento acarretado pela situação de perda, quando não evitado, deve ser vivido de forma calma, tranquila e comedida, a fim de não interferir na configuração do ambiente pacífico construído pelos paliativistas. Especialistas em luto formulam o que seria uma experiência normal após uma perda (MACHADO, 2016, p. 10).

Desta maneira, um psicólogo desempenha um papel fundamental ao oferecer suporte emocional e psicológico para que a pessoa enlutada possa enfrentar a dor da perda de maneira adequada (WEISS, 1988, apud SHAPIRO, 1994). Ao trabalhar com a pessoa que está vivenciando o

luto, o objetivo não é fazer com que ela se esqueça ou supere completamente a perda, mas sim auxiliá-la a encontrar um novo sentido em sua vida após o ocorrido. O processo psicoterapêutico busca ajudar o indivíduo a reorganizar suas emoções e crenças permitindo que ela aprenda a conviver de forma mais saudável com a ausência do ente querido que partiu. A abordagem fenomenológica existencial é uma abordagem psicoterapêutica bastante valiosa, pois contribui para que o luto seja vivenciado de maneira mais significativa e autêntica, contribuindo para um melhor processo de adaptação e ressignificação.

Conforme observado por Teixeira (2006), a psicoterapia existencial não se caracteriza como uma técnica de tratamento para doenças mentais, mas sim como um conjunto de intervenções destinadas a auxiliar o indivíduo em seu crescimento pessoal e na busca pela autenticidade, esta visa fomentar a autoconsciência, a autocompreensão e a autodeterminação do indivíduo. Durante o processo de luto, os profissionais da psicologia buscam ajudar o enlutado a se tornar mais consciente de suas emoções, pensamentos e reações. Isso envolve ajudar a pessoa a reconhecer e compreender suas próprias respostas emocionais à perda, o que contribui para a autoconsciência. Os psicólogos auxiliam o enlutado a explorar o significado da perda em suas vidas, suas crenças e valores pessoais e como a perda afeta sua identidade. Isso promove a autocompreensão, permitindo que a pessoa compreenda melhor a si mesma em relação à experiência da morte.

Durante o processo de luto, é comum que as pessoas enfrentam questões relacionadas ao sentido da vida e da própria mortalidade, deste modo, profissionais da psicologia podem auxiliar o enlutado a explorar essas questões e a tomar decisões significativas sobre como deseja lidar com o luto. Isso está alinhado com a ideia de autodeterminação, permitindo que a pessoa assuma um papel ativo em seu processo de luto.

Ao invés de apenas tratar o sofrimento, os psicólogos buscam ajudar o enlutado a crescer pessoalmente por meio da experiência do luto. Isso envolve a exploração de como a perda pode levar a mudanças positivas na vida da pessoa, como um maior apreço pela vida, relacionamentos mais profundos ou uma reavaliação de prioridades. A psicoterapia existencial valoriza a autenticidade, ou seja, viver de acordo com seus valores, crenças e identidade verdadeira. Os profissionais incentivam o enlutado a buscar uma forma autêntica de viver após a perda, honrando tanto a memória do ente querido quanto a própria jornada de luto. Portanto, a abordagem da psicoterapia existencial está intimamente relacionada às estratégias utilizadas por profissionais da psicologia no tratamento do luto, ela enfatiza o crescimento pessoal, a autoconsciência, a autocompreensão e a autodeterminação como elementos essenciais no processo de ajudar os enlutados a enfrentar e encontrar significado na experiência da perda.

A PANDEMIA E O LUTO: UMA EXPLORAÇÃO EXISTENCIAL DA DOR HUMANA E DA BUSCA POR SENTIDO

Infelizmente, o ano de 2021 chegou ao seu fim com o pavoroso registro de 619.056 mortes registradas (BRASIL, 2021). Deixando um profundo sentimento de luto em toda a nação, cada uma dessas perdas representa não apenas um número, mas vidas repletas de sonhos, e a dor daqueles que ficaram para trás é imensurável. Para complicar ainda mais esse quadro dramático, o estado de excepcionalidade imposto pela pandemia impactou as experiências de terminalidade e luto, que sofreram uma série de constrangimentos sem precedentes (FERRACIOLI et al., 2021; INGRAVALLO, 2020; MALLAH et al., 2021). Segundo Sola et al (2022) durante o curso da pandemia, houve a necessidade de reorganizar os serviços de saúde, e uma parte considerável das instalações e profissionais de saúde foi redirecionada para atender à crescente demanda por cuidados, procedimentos e suprimentos em meio à emergência sanitária.

Sola et al. (2022) ainda destacam que, os casos graves de COVID-19 tiveram que ser isolados em áreas específicas dos hospitais, e as visitas a pacientes internados foram proibidas ou fortemente limitadas. Velórios foram desencorajados, e passou-se a recomendar o uso de revestimentos plásticos para corpos e sepultamentos com caixões hermeticamente fechados (BRASIL, 2020; MOURA et al., 2022; NASCIMENTO, 2020; OLIVEIRA et al., 2020). Considerando que a vivência do luto foi afetada pela pandemia, Weir (2020) e Wang et al. (2020) destacam que o suporte prestado por profissionais de saúde às famílias enlutadas pode desempenhar um papel fundamental no auxílio ao processo de adaptação diante da perda. Isso ressalta a importância de recursos e orientações para ajudar as pessoas a enfrentar esses momentos desafiadores de maneira mais resiliente e saudável.

A restrição das visitas hospitalares aos familiares e as mudanças nos procedimentos de despedida, tanto antes quanto depois do óbito, limitaram a capacidade das pessoas de expressar seu luto e afetaram adversamente a busca por apoio social (OLIVEIRA-CARDOSO et al., 2020, 2021; PATTISON, 2020; WANG et al., 2020). Nesse contexto desafiador, é importante reconhecer a importância do apoio emocional e psicológico para aqueles que enfrentam perdas, e buscar formas alternativas de conexão e conforto, mesmo que à distância, para ajudar as pessoas a enfrentarem o luto e a dor de maneira mais saudável e solidária.

Essa assistência pode incluir não apenas apoio emocional, mas também recursos práticos e informações sobre como lidar com o luto em um contexto desafiador. Além disso, a criação de redes de apoio e comunidades solidárias pode ser uma maneira valiosa de ajudar as pessoas a enfrentarem essas circunstâncias difíceis e encontrarem força na união e na compreensão mútua. Azevedo e Pereira (2013), destacaram a crescente aceitação na clínica contemporânea da experiência do luto como uma fonte significativa de sofrimento.

Diante dessa realidade, surge então para nós, a oportunidade de concretizar a ideia que há muito tempo nos inquietava, desde o tempo da graduação em psicologia: o desejo de escrever sobre o sofrimento humano, no que concerne à dor sentida por cada um de nós. Dor que só o sabe como é, qual a sua intensidade, sua singularidade, ao mostrar-se e apresentar-se para o afetado por tal sentimento (PEREIRA, 2013, p. 55).

Azevedo e Pereira (2013), afirma ainda não estarem se referindo à dor física produzida pela estimulação de terminações nervosas específicas em sua recepção, mas sim à dor com sentido, com razão de ser e significado para a nossa subjetividade, com sentimento de pesar, de aflição, tristeza e desgosto e dor. Nesse sentido, tal perspectiva ampliada da dor reconhece que nossa experiência de dor é influenciada por uma complexa interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. A dor, como descrita pelos autores, é mais do que apenas uma sensação física; é uma experiência que carrega um significado pessoal.

Quando sentimos dor, não é apenas o resultado de terminações nervosas específicas sendo ativadas, mas também uma resposta emocional que pode incluir sentimentos de pesar, tristeza, angústia e desgosto. Essa dor emocional pode ser tão intensa quanto a própria dor física e, muitas vezes, é intrinsecamente ligada à nossa percepção e interpretação da situação que a causou. Além disso, essa compreensão ampliada da dor reconhece que cada pessoa pode experimentar a dor de maneira diferente, com base em sua história de vida, cultura, crenças e contexto social. Portanto, a dor não é apenas uma experiência universal, mas também altamente individualizada.

REPRESENTAÇÕES DA IMAGEM DA MORTE NA AMÉRICA LATINA

*Vou te encontrar vestida de cetim
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho
Que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar
Vem, mas demore a chegar
Eu te detesto e amo morte, morte, morte
Que talvez seja o segredo desta vida
Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida
Qual será a forma da minha morte?
(Raul Seixas - Canto para a minha morte)*

Seria negligente de nossa parte discorrer sobre representações da morte na América Latina sem permitimo-nos sermos transpassados pelas tradições culturais, religiosas e sociais que informam e configuram a perspectiva, o lidar e engajar com o fim do projeto do ser. No pensar de que a América Latina constitui-se como uma realidade subjugada por séculos de exploração, sucateamento e frequentes lutas para a garantia de subsistência, direitos de saúde, moradia e garantias básicas de qualidade de vida, para muitas realidades a morte não vem como uma surpresa (IANNI, 1988; MANTOVANI, SILVA, BERNARDEES, 2021). Considera-se a relação das práticas dos vivos em

relação à ideia da morte, a consciência da finitude implica em uma série de desenrolares para como nós delimitamos e definimos nossa existência por meio de conceitos e lógicas que circunscrevem e ao mesmo tempo definem nossa própria vida. Neste pensar, Ribeiro (2016) nos informa:

Dado o caráter irreduzível da morte e da perda do outro, nunca assimilável na sua totalidade, é imperativo reconhecer a sua alteridade radical e aceitar o desafio ético permanente que lança, já que o trabalho do luto permanece numa condição de instabilidade perpétua, entre o dever de memória e a necessidade da elaboração (que comporta, como se sabe, não só transformação, mas igualmente o esquecimento, a abertura para o novo e o impensado). É preciso reconhecer também, por outro lado, que o período histórico inaugurado com as ditaduras, e aprofundado depois delas, tem na América Latina o sentido de uma abertura total ao universo violento e cego do Império Neoliberal do Mercado, erguido, literalmente, sobre as ruínas da destruição levada a cabo pelos regimes autoritários, além de conservar e ampliar o sistema de modernização conservadora e exclusão social que esses regimes instituíram ou ampliaram pela força (RIBEIRO, 2016, p. 2).

Em relação a sua finitude, consideramos que a relação corpórea e a sua própria representação por meio de imagens análogas à realidade constituem um campo central das representações da finitude do ser onde a relação com seu fim torna-se um caráter simbólico do cessar de suas funções. Nestas considerações observamos que o corpo é a relação veicular do para-si em relação ao mundo, ao qual se experimenta e de fato se concebe por meio da consciência (SARTRE, 1997) e para tanto “oferece as possibilidades de o sujeito se relacionar com o mundo, ver o outro, ser visto pelo outro e, com isso, inserir-se e ser inserido num movimento concreto de constituição de si, do outro e da história coletiva (...)” (CIRELLI; LANGARO; PRETTO, 2012, p. 131). Desta maneira, não há como desvincular as intrínsecas relações do corpo, seu bem estar e a realidade social pela qual ele se constitui e se relaciona, visto que a liberdade, neste sentido é situacional, ou seja, vinculada com as condições de fazer e fazer ser e para tanto se entrelaça com seus sentidos e afetações culturais onde é situado.

A morte, em Sartre, e aqui nos referimos propriamente ao evento do cessar das funções biológicas, confere-se como a “(...) nadificação de todas as minhas possibilidades, nadificação essa que já não mais faz parte de minhas possibilidades” (SARTRE, 1997, p. 658). Todavia, se relacionar com a ideia da morte faz parte de uma escolha que fazemos como parte do projeto do ser em sua existência, neste sentido que expomos e analisamos como os vivos lidam com a consciência de sua finitude ou a negação dela, pelos veios e manifestações culturais e sociais que nos informam a vivência da morte do outro bem, como a própria concepção da morte no ser-para-si, em terras nativas e na realidade latino-americana. O medo da morte sempre esteve presente no horizonte da vida humana e de seus questionamentos mais profundos. “Sem a morte, é possível que tanto a religião quanto a filosofia não tivessem encontrado o espaço que ocupam ao longo dos séculos na vida do homem” (PAIVA & PORTO, 2018, p. 2). A arte, especialmente no que tange a vivência latino-americana e brasileira em relação, se darão neste sentido por meio da consciência imaginante e o

objeto estético como um campo de possibilidades representativas na manifestação daquilo que é em um último caso, irreal e ao mesmo tempo um suporte revelado pela experiência do ser ao ser lançado no mundo.

Neste sentido o objeto artístico é irreal, “estando para além do que é revelado pela percepção” (LOPES, 2019, p. 8) pela ocorrência do *analagon* sendo este “um suporte objetivo para o trabalho da imaginação” (*ibid*) ou “equivalência perceptiva” (OLIVEIRA, 2012, p. 115). Em *A Imaginação*, texto solicitado e publicado por um antigo professor seu, Alcan, Sartre nos revela que a concepção que tenho de uma árvore me é informada de “uma miríade de sensações, de impressões coloridas, tácteis, térmicas, etc., que são ‘representações’” (SARTRE, 1978, p. 99). De sorte que, finalmente, a árvore aparece como uma soma de conteúdos subjetivos e é ela própria um fenômeno subjetivo” (SARTRE, 1973, p. 105). Destarte a imagem é por si, “a consciência de alguma coisa” (*ibid*). Naquilo que tange a materialidade da morte pela qual a intencionalidade se direciona ao pensar em signos e/ou representações, a imagem se conecta neste sentido também à certas convenções influenciadas pelos contextos culturais e grupais pelo qual o indivíduo se constitui, tal como ilustrar um veneno com uma caveira etc., neste sentido a lógica da qual se extrai as qualidades aferidas são vinculadas frequentemente com origens que denunciam o fim da vida como algo sujo, indevido, indesejado quando frequentemente marcados pela lógica judaica-cristã.

Neste sentido, a imagem que temos da morte é justamente parte da consciência daquilo que conferimos como a percepção da morte. Para tanto, imagens relacionadas frequentemente com a morte são representações de ossos, caveiras, esqueletos (SILVA, 2019) pois são senão realmente a verdadeira sensação dos últimos traços daquilo que concebemos do outro, aquilo que realmente nos resta materialmente perante a nadificação do projeto de ser. Todavia, ao considerarmos que a América Latina e as práticas funerárias nativas tão frequentemente se relacionam com seus falecidos de maneiras peculiares aos costumes católicos (SANTOS, 2019, p. 7-8), oriundos da colonização, convém citarmos por exemplo práticas funerárias ameríndias pelos Tupinambás onde verificamos que:

Os Omaguá desenterravam os ossos dos mortos após três meses, os lavavam e pintavam, e colocavam em uma vasilha de cerâmica, que era despachada em um córrego, ou então enterravam os mortos em uma canoa na margem dos rios. Outros grupos Tupi Amazônicos praticavam outros tipos de sepultamento: os Yuruna (Juruna) e Apiaká realizavam o sepultamento primário na residência, em cova rasa, depois desenterravam os ossos e os penduravam em redes ou cestos no teto da casa. (CRISTANTE, 2017, p. 103.)

Como um tema presente culturalmente também em terras nativas, considera-se por exemplo que em sistemas religiosos como a Umbanda e o Candomblé que realizam seus rituais em cemitérios. A Umbanda, nota-se, inclusive assinala o signo da caveira a entidades relacionadas com o culto aos ancestrais e com o cessar das funções vitais do corpo, tal como “Exu Caveira, Exu Tata Caveira, Exu

João Caveira, Exu Caveirinha, entre outros” (ANDRADE JUNIOR, 2021, p. 17), concepções imagéticas e indicativas também do próprio espaço cemiterial, tal como “Exu Sete Lápides, Exu Sete Tumbas, Exu Calunga, Exu do Cemitério, Exu Sete Covas, Exu Sete Catacumbas e Exu do Cruzeiro” (*ibid*). Da mesma forma, observamos que na América Latina:

Há relatos de que os povos indígenas Astecas, Maias, Nahuatls e Totonecas praticavam o culto aos mortos. Os rituais que celebram a vida dos ancestrais se realizavam nestas civilizações pelo menos há três mil anos. Na era pré-hispânica era comum a prática de conservar os crânios como troféus, e mostrá-los durante os rituais que celebravam a morte e o renascimento (CONCONE; VILLASENOR, 2012, p. 39).

Apesar da colonização hispânica, católica, a cultura mesoamericana foi preservada, tal qual as religiões de matriz africana no continente americano por meio do sincretismo, como um mecanismo e estratégia de sobrevivência (ROMÃO, 2018). Desta maneira, no México, o Dia de Los Muertos, ou Dia dos Mortos, é carregado por uma série de representações da Morte, aqui destacada como personagem e objeto imaginário, como parte da extensa historicidade significativa e simbólica presente na ancestralidade dos povos astecas e maias que se vinculavam com a morte como um processo inevitável, mas passível de representação da morte não só como um evento, mas como um objeto da consciência. Para tanto no dia 31 de outubro e 02 de novembro, época em que se evidenciam em comemorações sobre a temática fúnebre, as ruas e os cemitérios são preenchidos com coloridas flores, comidas e velas enfeitando altares (QUITÉRIO & ZAGUETTO, 2023).

Neste sentido imagens folclóricas tal qual a Santa Morte, verdadeiros *memento moris* (lembança da morte), imagens artísticas destinadas a causar reflexões da inevitabilidade e inexorabilidade da morte (SILVA, 2019), ainda tão presentes no cenário cultural latino-americano, nos informam não sobre a experiência da nadificação mas sim da intencionalidade do ser para-si na consciência de sua morte e da morte do outro como algo natural, digno também de celebração e da consciência da memória que temos sobre o outro. A ambivalência paradoxal da morte entre os mexicanos revela o direcionar-se ao objeto da morte do ser-para-si em perspectivas alternativas de conscientização deste processo (ALCALÁ, 2008).

Representações da Morte variam-se entre nomes como a “La Calavera” (a Caveira), La Catrina (ANDRADE, 2018) e “La Llorona” (a chorona) (MONTADÓN, 2007), Poder-se-ia dizer que a figura da Morte neste sentido, ainda que o existencialismo há de negar a responsabilidade nas mãos de qualquer divindade, encontra-se no vértice entre a humanidade e a representação antropomorfizada, humanizada, da consciência do fim do ser-para-si. A Catrina é uma figura que idealizada por Diego Rivera, artista, militante e político preocupado com as causas sociais dos trabalhadores e a identidade nacional do povo mexicano (ANDRADE, 2018) desempenha culturalmente, também, há que se notar, uma imagem e figura representativa da Morte como personificação de um princípio antropológico social (MARTINEZ, 2008).

Destarte, observa-se que a consciência imaginante descreve a forma a fim de intencional o objeto estético (ALVES, 2006), a descrever ou expor a especificidade a cada criação comprometida com o contexto social e cultural em que surge conforme observa Danto (1978). As práticas relacionadas às produções representativas da morte ou de figuras relacionadas tanto ao fim do ser quanto ao sepultamento e ao espaço funerário produzem, portanto, ao que se verifica, diferentes perspectivas análogas à universal experiência observável do cessar das experiências humanas através do corpo. Destaca-se contudo, também, o papel destas reflexões culturais como a equalizadora das diferenças sociais tão marcantes na realidade sul americana, entrelaçada por anos de exploração externa bem como a realidade cruel e complexa do narcotráfico e dos crimes demarcados também pelas desigualdades sociais e a corrupção endêmica (PONTE, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da morte é um aspecto intrínseco à condição humana e ao longo deste artigo, exploramos a complexidade desse fenômeno sob a perspectiva da fenomenologia existencial. A morte não é apenas a cessação das funções biológicas, mas uma experiência profundamente subjetiva e existencial, que afeta não apenas o indivíduo que se despede da vida, mas também aqueles que ficam para lidar com a ausência. A partir das análises fenomenológicas, compreendemos que o luto é uma experiência singular e pessoal, moldada pela história de vida, relacionamentos e significados atribuídos ao ser e ao outro. A angústia existencial surge diante da finitude da vida e da responsabilidade que temos em relação às nossas escolhas, confrontando-nos com questões sobre o propósito e o significado da existência. O luto não é um processo padronizado e cada pessoa o vivencia de maneira única. A ausência física do ser amado pode levar a uma reflexão profunda sobre a própria mortalidade e o sentido da vida. Nesse contexto, é fundamental reconhecer que, mesmo na ausência física, a presença do ser amado persiste nas memórias, nas relações com o mundo e na própria existência. A separação dos corpos não significa o fim absoluto da relação, mas sim uma ressignificação da mesma. Profissionais de saúde mental desempenham um papel crucial no suporte às pessoas enlutadas.

A abordagem fenomenológica existencial permite compreender a singularidade desse processo e criar um espaço seguro para que os enlutados expressem suas emoções e pensamentos de maneira autêntica. O objetivo não é fazer com que esqueçam a perda, mas auxiliá-los a encontrar um novo sentido em suas vidas após a morte do ente querido. No contexto das famílias enlutadas, a morte de um membro impacta todas as relações, exigindo uma reorganização e adaptação da dinâmica familiar. O apoio mútuo e a aceitação da perda são fundamentais para a resiliência e a estabilidade

dos sistemas familiares. A fenomenologia existencial nos convida a explorar essa complexidade, honrando a singularidade de cada luto e buscando significado em meio à dor da perda.

De acordo com Cabestan, (2005, apud TEIXEIRA, 2006, p. 291), a autenticidade implica em aceitar a condição humana da maneira em que é vivida e conseguir confrontar-se com a ansiedade e escolher o futuro, e dessa forma reduzindo a culpabilidade existencial, deste modo a autenticidade caracteriza a maturidade no desenvolvimento pessoal e social, a escolha é um processo central e inevitável na existência individual e a liberdade de escolher-se envolve responsabilidade pela autoria do seu destino e compromisso com o seu projeto e a liberdade de escolha não só é parte integrante da experiência como o indivíduo é as suas escolhas a identidade e as características do indivíduo seriam consequências das suas próprias escolhas.

Certamente, relacionar as estratégias de apoio utilizadas por psicólogos e familiares ao processo de luto é fundamental. Isso porque essas estratégias desempenham um papel essencial na facilitação do enfrentamento do luto, permitindo que os enlutados reconheçam suas emoções, compreendam melhor a perda e encontrem significado na experiência do luto. Sendo assim, essas estratégias auxiliam na construção de uma jornada de luto mais saudável e autêntica, promovendo a ressignificação e o crescimento pessoal após a perda.

Nessa confrontação, encontramos uma oportunidade única de buscar significado e autenticidade em nossas vidas. A finitude da existência nos lembra da urgência de viver com propósito, de fazer escolhas significativas e de abraçar nossa liberdade de criar nossos próprios valores. Na América Latina, essa relação entre a morte e o existencialismo se manifesta de maneira única, incorporando as diversas tradições culturais e religiosas da região. Desde o Día de los Muertos no México até outras celebrações e rituais em toda a América Latina, vemos uma abordagem multifacetada à morte que reflete a complexidade das experiências humanas. Em última análise, a morte e o existencialismo nos convidam a uma jornada interior de autorreflexão e busca de significado. Portanto, abraçar a existência humana em toda a sua complexidade, incluindo a inevitabilidade da morte, é fundamental para a busca de uma vida significativa e autêntica.

Em conclusão, ao explorar a morte, o luto e suas representações na América Latina sob a lente da fenomenologia e do existencialismo, torna-se evidente que esses aspectos da experiência humana transcendem fronteiras culturais e se entrelaçam profundamente com a natureza universal da existência. Através da análise fenomenológica, fomos capazes de desvendar a complexidade das experiências individuais e coletivas relacionadas à morte e ao luto, destacando como esses eventos moldam nossa percepção do mundo.

A filosofia existencial, por sua vez, nos lembra da inevitabilidade da morte e da importância de confrontar essa realidade para encontrar autenticidade e significado em nossas vidas. As culturas latino-americanas, com suas diversas tradições e rituais, oferecem uma rica tapeçaria de respostas à

morte, desde celebrações vívidas até profundas expressões de pesar. Em última análise, nossa pesquisa revela que, independentemente de nossa cultura ou filosofia, a morte é um ponto de convergência humano universal. Ela nos desafia a explorar questões existenciais profundas e nos instiga a buscar conexões autênticas e significativas em nossas vidas. Portanto, ao considerar a morte e o luto na América Latina à luz da fenomenologia e do existencialismo, somos lembrados de nossa humanidade compartilhada e da busca contínua por compreender o mistério da existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, A. **O tema da morte no itinerário filosófico de Martin Heidegger: do ser para morte aos mortais que são os homens.** 2015. 243 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia: Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/11679> Acesso em: 23 ago. 2023.
- ANDRADE, Leonardo Bento. **A Mitologia de “La Catrina”:** Comunismo e arte na máquina de Rivera. Revista Eletrônica da ANPHLAC, Nº. 25, p. 116-134. 2018. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3037> Acesso em: 23 ago. 2023.
- ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Exus, Pomba-giras e Pretos Velhos:** o cemitério como espaçosagrado de pertencimento. Diálogos, 25(3), 8-37. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/60531>. Acesso em 23 ago. 2023.
- ALCALÁ, Felipe Gaytán. **Santa Entre Los Malditos. Culto a La Santa Muerte En El México Del Siglo XXI.** Estudios sociales y humanísticos, vol. VI, núm. 1, 2008, Tuxtla Gutiérrez, Chiapas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/745/74511188004.pdf> Acesso em: 23 ago. 2023.
- ALVES, Igor Silva. **O Teatro de Situações de Jean-Paul Sartre.** 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-09012008-100852/publico/TESE_IGOR_SILVA_ALVES.pdf. Acesso em: ago. 2023.
- BETTO, F. **Antígona e Antares.** O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/artigo-antigona-antares-24395691>. Acesso em: ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. (2021). **Boletim Epidemiológico Especial.** Disponível em: https://www.gov.br/saude/ptbr/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/covid19/2021/boletim_epidemiologico_covid_93.pdf/view. Acesso em: ago. 2023.
- CIRELLI, Brunna Germano; LANGARO, Fabíola; PRETTO, Zuleica. **Câncer e o sujeito em psicoterapia: horizontes de trabalho na perspectiva existencialista de Jean-Paul Sartre.** Psicologia Clínica. Vol. 24, n. 2. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/NLsYTP8Ph3s6B7QbLmXtfbL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23 ago. 2023.
- CRISTANTE, Mariana Alves Pereira. **Práticas Funerárias de Grupos de Língua Tupi-Guarani: Análise de Contextos das Regiões do Paranapanema.** Universidade de São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-01022018-103618/publico/MarianaCristanteREVISADA.pdf>. Acesso em 26 ago. 2023.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas; VILLASENOR, Rafael Lopez. **A celebração da morte no imaginário popular mexicano**. Revista Temática Kairós Gerontologia, v. 15, n. 4, p. 283-301, 37-47. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17036> Acesso em: 23 ago. 2023.

DANTO, Arthur C. **As idéias de Sartre**. São Paulo, SP: Cultrix, 1978.

DUARTE, R.; NAVES, G. S. **O Ser-para-a-morte em Heidegger**. Revista da Católica, Uberlândia v. 3, p. 64-82. 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/66706-O-ser-para-a-morte-em-heidegger.html> Acesso em: 23 ago. 2023

EISMA, M. C., Boelen, P. A., & Lenferink, L. I. (2020). **Prolonged grief disorder following the coronavirus (COVID-19) pandemic**. Psychiatry Research, 288, 113031. <https://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113031>

FERRACIOLI, N. G. M., Oliveira, W. A., Oliveira-Cardoso, E. A., Corradi-Webster, C. M., Risk, E. N., & Santos, M. A. (2021). **Comportamento suicida: o paradoxo vida e morte em meio à pandemia de COVID-19**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 12(2), 75-98. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n2p75>

FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Luto e Fenomenologia: Uma Proposta Compreensiva**. Revista da Abordagem Gestáltica. Phenomenological Studies. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a13.pdf>. Acesso em 17 set. 2023.

GRANADE, G. S. “A morte do outro”. In: SILVA; RIVA. **Compêndio Gabriel Marcel: Homenagem aos 90 anos de publicação do Diário Metafísico**. Cascavel: Edunioeste, 2019.

HENNEZEL, M.; LELOUP, J.Y. A arte de morrer. **Tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade**. 7. Ed. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.

KOVÁCS, M. J. **Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural**. In: KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p 28-47. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%81CS%2C%20M.%20J.%20-%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano.pdf Acesso em: 23 ago. 2023.

MARTINEZ, Daniel Gutiérrez. **La Creencia en lo trágico: El culto de la Santa Muerte**. Creencia o Cultura Populares. In: **Religião & Imagética: CAMINHOS DA DEVOÇÃO POPULAR NO BRASIL E NO MÉXICO**. Armazém Digital Comunicação Ltda. 1ª edição/2008. Disponível em: https://www.academia.edu/4161267/La_Creencia_en_lo_tr%C3%A1gico_el_culto_de_la_Santa_Muerte_Creencias_o_cultura_populares Acesso em: 23 ago. 2023.

MARTON, S. **A morte como instante de vida**. Curitiba: PUCPRESS, 2018. Disponível em: https://identidade.pucpr.br/webapp/assets/images/instituto_ciencia_e_fe/upload/file13688_a-morte-como-instante-de-vida-.pdf Acesso em: 23 ago. 2023.

MONTADÓN, Rosa Maria Spinoso de. **La Llorona: Mito e Poder no México**. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_MONTANDON_Rosa_Maria_Spinoso-S.pdf. Acesso em: 24 ago. 2023.

PONTE, Víctor Manuel Durand. **Notas Para Entender a Realidade Mexicana**. Novos Estudos. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/TMqdrm7MyVgwxx6Dttg8gFr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 23 ago. 2023.

QUITÉRIO, Janaína; ZAGUETTO, Ana Paula. **A Arte de Festejar e Ritualizar a Morte**. ComCiência, n. 163. Campinas, 2014. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 ag. 2023.

ROMÃO; Tito Lívio Cruz. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 57, n. 1, p. 353-381, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651758> Acesso em: 23 ago. 2023

SARTRE, Jean Paul. **Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel**. Tradução Luiza Helena Hilgert. In: Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial. 2019

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. O Existencialismo é um Humanismo Coleção Os Pensadores - Vol. 45. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997

_____. **A Imaginação**. In: Coleção: Os Pensadores. E. Abril Cultural, p. 33- 109, 1978.

SEIXAS, Raul. **Canto para minha morte**. In: Há 10 mil anos atrás. [LP] Philips, 1976.

SILVA, Érica Quinaglia. **Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica**. Revista Bioética, ed. 27. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019271284>. Acesso em 20 ago. 2023.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. **Introdução à psicoterapia existencial**. ANALISE PSICOLÓGICA (2006), 3 (XXIV): 289-309. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

VALÉRIO, P. H. M., & Barreira, C. A. (2015). **Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais**. Psicologia USP, 26(3), p. 430-440. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/qpNbwX3CNpwxMJjymVjcc3P/>. Acesso em: 01 set. 2023.

OLIVEIRA-CARDOSO, E. A., Freitas, I. S., Santos, J. H. C., Oliveira, W. A., Garcia, J. T., & Santos, M. A. (2022). **Chronic diseases and religiosity/spirituality during the early stages of the COVID-19 pandemic**. Estudos de Psicologia (Campinas), 39, e200027. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200230>. Acesso em: 01 set. 2023.

ILVA, E. G.; ESCOLA, J. J. J.; RÖHR, F. **FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DA MORTE: DA COMUNHÃO A ETERNIZAÇÃO DO SER AMADO**. PARALELLUS - Revista de Estudos de Religião - UNICAP, [S. l.], v. 8, n. 18, p. 307–325, 2017. DOI:

10.25247/paralellus.2017.v8n18.p307-325. Disponível em:
<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/992>. Acesso em: 23 ago. 2023.

WANG S. S., Teo, W. Z., Yee, C. W., & Chai, Y. W. (2020). **Pursuing a good death in the time of COVID-19**. *Journal of Palliative Medicine*, 23(6), 754-755. Disponível em:
<https://dx.doi.org/10.1089/jpm.2020.0198>. Acesso em: 02 set. 2023.

Weir, K. (2020). **Grief and COVID-19: mourning our bygone lives**. *American Psychological Association*. Disponível em: <https://www.apa.org/news/apa/2020/04/grief-covid-19>. Acesso em: 03 set. 2023.